

P R O F E S S O R

Dorothea

LUIZFERNANDOBraga

P R O F E S S O R

Dorô

1ª EDIÇÃO
UBERLÂNDIA - MG
2019

sexo da
PALAVRA

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2018
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo
Projeto gráfico: Antonio K.valo
Produção executiva: Andressa dos Santos Xavier Silva
Revisão: Luiz Fernando Braga

B813

BRAGA, Luiz Fernando
Professor Dorothy - Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2019.
126 p.; 14 X 21 cm.

ISBN: 978-85-93892-12-7

1. Contos brasileiros. 2. Literatura Brasileira. 3. Ficção
1. Título

CDD: B869.9 CDU: 821.134.3(81)-34

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luiz Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cintia Camargo Vianna
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert de Moraes
Eneida Maria de Souza
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Karla Cipreste
Larissa Pelúcio

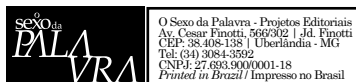
Leandro Colling
Leonardo Mendes
Luciana Borges
Maria Elisa Moreira
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ruth Silviano Brandão
Telma Borges
Vinicius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais
Av. Cesar Pinotti, 566/302 | Jd. Pinotti
CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG
Tel: (34) 3084-3592
CNPJ: 27.693.900/0001-18
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

GRUTA TRISTE	09
CORPO DIDÁTICO	17
S.S.	26
A MULHER QUE MATOU CLARICE LISPECTOR	31
A CONGREGAÇÃO DAS CACTÁCEAS	46
TRANSE DE AMOR MAGOADO	58
BARTÔ	76
PROFESSOR DOROTHY	88
HISTÓRIA DE FOFURAS	96
ELE BATE A PORTA DENTRO DE MIM	101
PLANO GERAL	106
SÓ LAMBER TUA TATUAGEM	112

“Deita no silêncio.”

Codax

GRUTA TRISTE

- E ele não veio: há alguns anos me disse que nosso encontro não seria casual, que sua busca na vida era pra aliviar o estar-só. Esperei, como usual, dentro de mim, acreditando que seríamos para sempre. Sentia que, se o deixasse ir, antes de entrar em minha seara, todo o sol se desfaria, para o eterno. Naquele tempo, ainda jovem e crédulo, eu me apegava à ideia de que ter alguém na vida se traduzia em nutrir uma felicidade ancorada e modesta. Sem muitas conquistas materiais, mas com algum conforto: uma casa de fadas, um carro zero de fadas, uma viagem pelo mundo parcelada pelo infinito do amor. Intuí que alguém no universo tangível estaria à espera de um encontro definitivo no caos, como eu. E que a troca de olhares, nas profundezas de nossas solidões mútuas, exalaria coisas doces e promessas ácidas: um suor purpurinado, na cama, mãos profundas dentro de si, fisgadas de prazer com o simples odor de saliva que me quer, que me banha em devoração e suplício.

No princípio nem era verbo. Era apenas estar junto. Sem declarações amorosas, as mãos se enlaçavam como se quisessem ver o mundo ruir para que tivessem a chance de um salto no precipício. Os segundos da queda, em companhia do outro. Os instantes antes do choque que esmiola o crânio e faz a bolsa de sangue explodir. Ele nem sabia que eu tinha apenas medo da aproximação: quem seria capaz de manter a verdade, depois que a vida se acomodasse e que os dias apenas se vivessem? Era a paralisia da descoberta: então o outro era somente normal? Assim pensava sobre o medo: mudar de cidade e de emprego para traçar rotas de fuga, chegando, diariamente, ao mesmo portão de desembarque. Assim queria a relação: adentrar nossa casa e vê-lo triste de saudade. Nada disso foi suficiente para sobrepor meu egoísmo a seu anseio de liberdade. Nenhuma luz seria capaz de nos unir em definitivo: ele via a estrada à frente, sempre de malas prontas. Na cama, enquanto recebia minhas estocadas fundas e impiedosas, gemia com o rosto virado para a janela semiaberta: era por ali que gozava. Eu lambia seu lóbulo fino de orelha e ele se estreitava: comprimia os olhos antes de gozar e deixava o lábio inferior pender, lubrificado de minha seiva. Então, pra não deixá-lo partir, eu o rasgava com perfurações de navio quebra-gelo: mordendo fininho seus mamilos

e ritmando estocadas ao fluxo da bomba cardíaca, raivando sacanagens divinatórias. “Minha puta predileta, vou te fazer filho.” O machismo que o excitava. E ele não saía daquela vontade de ejetar-se pela janela, que eu bem sabia. Esguichava porra rala em minha barriga. Daí vinha o desespero de limpar pra não me infectar. O papel toalha sempre à mão. Eu sequer tinha medo. Agarrava-me à ideia de que a taxa viral indetectável e a camisinha eram a muralha necessária contra os monstros que nos coabitavam o peito ácido. E eu me enfiava de novo por suas pregas dilatadas, agora de pé, meu tronco meio arqueado pra trás, buscando ponto de equilíbrio; ele, com os pés enganchados, eriçando-me panturrilhas e coxas, sobre este cavalo sedento de violência. Eu o queria servil e aniquilado, dependente de minha presença e escravo dos meus sentidos. Mas a janela semiaberta nos desafiava. “Minha vadia, minha mulher, vem com o maridão, vem!” E pela milésima vez o fazia gozar: disso ele não se salvaria: o de ter a melhor foda: de me querer dentro pra sempre, mesmo debaixo de outro, mesmo que amando estrangeiros, se um dia transcendesse minhas cercas. Sem trégua, já então com o indicador enovelando as paredes do reto, até atingir uma amêndoa de arrepios da próstata, eu o comia pelo século seguinte – e isso o consagrava meu:

sem forças para seguir, sem conhecidos em que se hospedar, sem sombra, ele era um brinquedo único, e um amor persignado. Pois, sob meu corpo, pernas em v, recebia-me inteiro até os testículos doloridos se colarem, já uivando de expectativas pelo milênio posterior. Uma pausa agitada para o efavirenz da noite, e a remada brusca de uma ranhura nas costas: a queda no tapete da sala, a chupada babada de ódio, o cacete vitoriosamente iluminado: um cetro entre dentes: a asfixia cuidadosa pra não abrir feridas e estradas ao vírus: bochechas empolgadas e temerosas. Com mão irada, eu encadeava seus cabelos loiros e ralos, em punhos canibais, sacando veloz a camisinha e dando-lhe mamadeira vermelha e luz pingada pelo queixo, escorrida pelo pescoço mole e disseminada em prata mortífera pelo tórax crispado de unhas. Todos os milênios vindouros o lamberiam pela nuca, enquanto ele tentava dormir e fingir que não sentia dores estomacais. Eu o aninhava em braçadas de amor doentio. Ele se levantava pela madrugada, em busca de folhas de bálsamo, que mastigava para aplacar a queimação do remédio. Também tinha tonturas e projeções astrais e delírios de morte com foice no canto do quarto. Eu o protegia como um cavaleiro dúbio: cristão e libertino. Rezava em seus ouvidos, fazia-lhe promessas de dias melhores, inoculava-lhe

paciência no tratamento, enquanto metia a mão insone em sua cueca e desenhava rodinhas invisíveis em suas pregas agora intumescidas. Depois de várias noites em clarão de pavor e medo da lipodistrofia, ele, já não acreditando no velhinho infectologista da prefeitura, falava em morrer desavisadamente: cair de um prédio, virar o pé em calçada incerta diante de um caminhão dirigido por aquele motorista insone. Eu não deixava sua imaginação avançar em prognósticos ruins e o anestesiava com outra mamada, que ele devorava insano, porque todo dia era o último dia, todo sol era a última aurora boreal, toda porra golfada era a derradeira necessária aplicação de vida, antes da parada súbita no peito incrédulo. Mal sabia que poderia ter azar e viver muito, se disciplinado com os comprimidos, que tanto odiava, mas que lhe permitiam passadas rumo a. Mas, de definitivo, tinha que o pior seria não morrer, o que era apenas um clichê condenatório. E eu trabalhava o dia todo imaginando-o em casa, porque naquele tempo de desemprego se consumia em televisão e futilidades do pop, esperando-me em sala arrumada, com físgadas anais. E eu sentia-o sentindo-me à distância. Meu carro sendo vislumbrado minutos antes de eu abrir a porta e surgir com meu cetro já orvalhado de mim, fincado grosso para a direita do jeans apertado, palmeira

intensa que o amava. Eu sentia que ele me comungava. E assim eu entrava e ficava morno e latejado em sua gruta triste, meio sangrada, plenificada de meu mundo vazio: sim, ele sabia, mas nada condenava. Só tinha aquilo: eu, sem mundo exterior. Detestava o pai e abortara a mãe. Desgarrara-se do bando, sem uma saudade mínima. A mim confiou seu desterro. Não lamentava sequer a faculdade que não concluíra, aquele “curso de psicologia que não me resolve”. Eu o aceitava à deriva, que era também meu único porto. Sobre filhos: “prefiro cachorro.” E concordávamos que o mundo não valia mais a pena, restando-nos a consumação de nossos próprios ímpetos carniais. A insuficiência de tudo nos bastava. Ainda assim, eu sonhava que envelheceríamos juntos, cultivando quintais e pomares lilases e orquestrados por abelhas e borboletas. Todos os dias, entre uma trepada e outra, netflix vinho música. Mais lamivudina zidovudina efavirenz. Quem sabe, a vida. Não gostava de falar sobre como contraíra o vírus. Eu intuía, em algumas frases lacônicas, toda a história de sua paixão adolescente pelo vizinho casado e com filhos. O cara que gostava de comer viado “só pra experimentar”. Cogitava sobre uma vida possível antes da infecção: teria sonhos antigos? Conhecera perspectivas de felicidade? Arriscando-nos ao desfalecimento do

interesse mútuo, tentáramos sexo grupal e trocas de casais. Isso bem no princípio, antes do verbo. Percebi minha insegurança diante de outros caras: ele de quatro, cadela alheia. E inviabilizei novas empreitadas: “vamos viajar e depois montar uma casa...” Colocando de pé delírios de consumo burgueses, passamos a acreditar em mutualismo de afetos. Compramos flores, que nunca aguamos. Visitamos chalés nas montanhas. E nenhuma foto. A única prova que tenho de que tudo realmente aconteceu é este texto, ejaculado sem aviso prévio. E com o murchar das horas, volátil, ele se dissipou: descobri frascos intocados de antirretrovirais, depois que a janela foi, definitivamente, escancarada. Por semanas, fingira disciplina no tratamento (eu o via deglutindo pílulas invisíveis: malabarismos de ilusionista). Constatei, incrédulo, sua inteligência artilosa: pois eu o construía dentro de mim como um emotivo sagaz, nada além. Naquela tarde definitiva, não esperou que o motor do carro cessasse. Não ouviu o ruído metálico na fechadura, não salivou prevendo meu cacete e esmegma. Não fingiu distração quando entrei. A sala estava arejada de uma novidade insuspeita. O silêncio da casa inteira contrastava com a gritaria do condomínio todo vivo. Nenhum post-it na geladeira. Alimentei a ilusão de que fora ao supermercado, mas eu sempre nos provia

CORPO DIDÁTICO

de tudo! De que fora passear com o cachorro, que ainda não adotáramos. Uma azia entrou a falar comigo: a acidez dos dias de espera. Pois, de novo, lubrificaria minha mão direita e aspergiria fecundidades delirantes sobre o lençol amarrotado apenas de mim.

Sete

Nascera Trilena, mas batizaram-lhe de João.

Em casa, vivia amuada com o nome impróprio. A mãe acreditava no poder do chamado: “João Firmo!” Que casa gélida! Amplos e brancos quartos, tragados por um minimalismo costurado a desespero: quem vive apenas de dinheiro? O labrador respirando a si mesmo, andando como celebridade. O pai multiplicando as empresas de transporte e vampirizando os cofres públicos com a parentada infiltrada no legislativo. A rua muito erma e infestada de castanheiras, um quarteirão inteiro de posses e ostentações áridas. Piscina, empregados, salão de jogos. Não viam os ratos de bueiro, nem os sabiam mais vivos. O guardinha da guarita acenava todos os dias, atestando que a rua era protegida e enfatizando, com as sobrelhas vasculhantes, que tinham posse

de tudo – dos postes, dos arbustos esculpídos em calçadas aparadas, dos passantes distraídos, dos pássaros soprados em lufadas. Quente e frio.

Seis

Trilena provou o vestido marfim da mãe. Um pouco de batom e brincos gritantes. O pai desmarcara uma reunião escusa com políticos e a flagrara com o brilho demoníaco emplumando o corpo fresco. “Te falei que teria viado em casa, porra!”, culpou a esposa absorta e enfiada em mensagens de celular para as amigas do clube de leitura. Não havia o que discutir sobre a aberração, nada de discernimento “nessa casa que é minha”. A mãe mantinha-se acoplada às patas de elefante dos jardins internos. “Aqui não entra bicha”, gritara o velho gordo, enquanto arremessava Trilena à parede com um socão no peito. Falta de ar. O vestido foi rasgado em retirada animal pela cara inchada já de choro. E a menina ficou por alguns segundos com visão nublada e fôlego suplicante de afogada. O labrador viu tudo com a língua pra fora, tão estátua morna. O papo das madames no whatsapp enveredou pelo evento beneficente em prol das crianças com microcefalia. O pai não se conteve: “aqui, só homem!” E levou mão ao miolo das pernas,

reverberando o pacote de sua sanha. Trilena tremia de ódio: enforcaria o pai? Preferiu desatar as cordas de si mesma.

Cinco

Na escola das freiras, respirava-se um ar asceta e dolorido. Todo o piso poderia ser lambido de tão higienizado – manhã tarde noite madrugada, as noviças esmagadas. Mensalidade escolar de três salários mínimos. Trilena sentava-se em última carteira da sala bem disposta e de cabeças ruminantes. Os professores usavam jaleco branco, que as freiras fiscalizavam: “bem passados, por favor, caríssimos...” Do janelão, podia-se sonhar com um mundo abissal lá fora. Trilena não conseguia se concentrar: os meninos davam risadinhas entre cantos de boca malignamente prazerosos: “bichinha...” A professora de biologia nada percebia, porque assim seria. A freira que coordenava o ensino médio, com sua verruga peluda no canto do queixo, tinha inveja de Trilena. Pressentia-lhe verdades. Enquanto o pai pensava em matá-la de porrada se a visse de novo sendo mulher, a menina rabiscava mortes nas páginas dos livros didáticos: caveiras, foices, crianças enforcadas, gotas de sangue emoldurando caixas de texto. Tinha predileção amarga

pelo livro de português: em nenhum texto verbal via a si mesma, e todas as charges e HQs a invisibilizavam. Neles, amoitados, apareciam negros, pobres, índios e outros desbotamentos – questões sobre diversidade e desigualdade, coisas do ENEM, coisas de etiqueta. Mas Trilena não se encontrava. Acentuava os rabiscos de crucifixos sangrados periféricos a questões de morfossintaxe. Sobre uma preposição, desenhou seios.

Quatro

No banheiro da escola, Trilena enfiou o pinto entre as pernas, comprimindo os testículos: a glândula roçando o rego. Ajustou a cueca. Compraria calcinhas! Que o pai se fodesse... Pensou em Matias, que a olhara novamente no recreio, mordendo a ponta da língua de tesão cúmplice. A menina sentiu João Firmo despertando, a cueca arregaçando. Um dia deceparia aquilo e se entregaria louvadamente a Matias. Vestida de si – mulher de primórdios –, teria um rosto para fotografias perenes. No corredor assanhado e gritado, passou por seu futuro marido, que afinou as pestanas a fim de tragá-la. Trilena ovulou.

Três

O pai buscou o revólver no cofre. A mãe via a novela tão boa: que chá prepararia depois?... Os empregados cochichavam entre vassouras e rodos. Trilena escondera-se no quarto, sem ter tirado o batom da boca espocada de mulher em floração. Quando a maçaneta não funcionou, sentiu-se em perigo. O pai deu trombadas na porta. Enquanto esperava a consumação dos aflitos, a menina não rezava, pois descreia infinitamente; percorria o piso frio e pensava em desligar o computador. Ou melhor seria destruí-lo para queimar arquivos? Era vital proteger Matias, ela se arranjará. Na quinta tentativa, o estouro da madeira denunciou a entrada do pai, que catou o filho pervertido pelos cabelos, arrastando-o como boneco destroçado. Socou-o contra a parede. Trilena sentiu uma pancada no crânio. O pai enfiou-lhe o cano do revólver goela abaixo. Depois limparia a alma na missa, na capela das freiras: a esposa sempre pra trás, na fila da comunhão. “Vai virar mulher? Então vira de verdade...”, sussurrou cuspidor, das trevas. Arremessou João Firmo de cara no piso, jogando-se sobre ele em seguida. Retirou a bermuda do jovem e viu a calcinha delicada. A carótida do pai agora explodiria. “Caralho! Até calcinha, viado do inferno!”